



LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICO-SEMIÓTICA

LANGUAGE, CULTURE AND COGNITION: A LINGUISTIC AND SEMIOTIC APPROACH

Milton Chamarelli Filho¹

Pois então, o que é um substantivo? A resposta, como vimos, é complexa. No sentido de um produto morfológico, um substantivo é uma estrutura intrincada, elegantemente montada em camadas de regras, em que até o que há de mais peculiar segue leis. No sentido de um listema, um substantivo é um símbolo puro, parte de um conjunto de milhares de símbolos, rapidamente adquirido devido à harmonia entre a mente da criança, a mente do adulto e a textura da realidade.

(PINKER, 2002, p. 194)

RESUMO: Neste artigo discutimos algumas questões sobre como o léxico e as cantigas de roda podem ser um campo privilegiado para o estudo da linguagem, a partir do momento em que neles se situam experiências lingüísticas e semióticas que podem funcionar como “mapas” para o aprendizado de uma língua.

PALAVRAS-CHAVE: léxico; cultura; cantigas de roda, semiótica

ABSTRACT: In this article we discuss some questions about how the lexicon and songs of playing can be a privileged in the area of language study, while it is inserted linguistic and semiotics experiences which could work as “maps” in the learning of a language.

KEY-WORDS: lexicon; culture; songs of playing; semiotics

A linguagem

Um dos aspectos do nosso conhecimento lingüístico diz respeito ao conhecimento do léxico da língua que utilizamos, na medida em que aprender uma palavra, significa

¹Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Professor Adjunto do Curso de Letras da UFAC, *Campus* Floresta. E-mail: phaneron1@hotmail.com



também aprender também o seu registro sonoro, a sua forma, a sua colocação na estrutura da frase, o seu significado e o seu emprego dentro de um determinado contexto comunicacional.

Um item lexical é, a partir de nosso “léxico mental”, constituído de várias “entradas” pelas quais pode ser reconhecido e processado pelos falantes de uma língua; são elas: fonético-fonológica, morfossintática, semântica e pragmática. Cada um desses itens cobre o que chamamos de conhecimento lingüístico, e permeia a língua nos seus níveis de utilização.

A partir somente dessas observações pode-se supor que o domínio pleno de uma língua talvez seja muito mais complexo do que se possa imaginar, a princípio, porque cada item lexical está associado à maneira como foi registrado em nossa mente, a partir da sua inserção em cada modalidade de uso: oral ou escrita. Há palavras, por exemplo, das quais nós só nos recordamos por meio de uma analogia com alguma outra palavra, seja por seu aspecto semântico, formal ou sonoro, ou até icônico (como no caso da escrita). Estão aí os vários exemplos que não nos deixam mentir: as palavras cruzadas, as rimas, as brincadeiras de “forca”, as novas grafias dos *chats*.

Sustentamos aqui que a forma como esse conhecimento lingüístico é processado/armazenado pode possivelmente ser observado nos textos que a nossa cultura oral nos legou, como, por exemplo, nas cantigas de roda. Elas talvez encerrem, em seu caráter lúdico, muito mais do que uma brincadeira, talvez nos ensinem um pouco o modo como as crianças exercitam e experienciam a língua, a partir da sua capacidade epilingüística (igualmente como elas utilizam “a língua do p”) e de como, por conseqüência, as palavras (e os elementos que as compõem) ficam de fato registradas em nosso “léxico mental”. Isso parece ficar claro desde a infância, quando a criança começa a ensaiar a produção dos primeiros sons. Segundo Lyons (1977, p. 78):

Parece portanto claro que a criança está fisiologicamente adaptada desde a nascença para a vocalização e geneticamente predisposta a ensaiar, por assim dizer, um amplo leque de sons da fala a fim de desenvolver e refinar, subseqüentemente o seu controle dos modelos fônicos da língua que ouve falar à sua volta.

Estamos lidando aqui com a suposição de que os produtos lingüísticos — e neles se inserem os de nossa cultura — guardam as marcas do modo pelo qual (ou do objetivo para



o qual) foram processados, considerando-se, com efeito, que essa operação só é possível porque a linguagem e as línguas são instrumentos semióticos².

Semiose e cultura

Os signos gerados pela nossa mente possivelmente têm relação com a forma como são processados e/ou com a finalidade para a qual são destinados. Todo signo processado pela mente tem que para ela ser também representado, para que possa ser por ela operacionalizado.

Parte-se aqui de uma concepção computacional da mente que considera que exista: “algum isomorfismo entre os componentes representativos do sistema e os conteúdos dessas representações e processos” (SANTAELLA, 2001, p. 59). Parte-se aqui também da hipótese de que as relações entre o homem e o que lhe é externo (os dados brutos da realidade) são sempre mediadas por operações semióticas que traduzem as informações exógenas em signos com os quais a mente opera, a partir da percepção.

É pela percepção — e pela lógica semiótica que a governa — que os dados do real tornam-se signos com os quais a mente lida³. Se é pela linguagem e pelas línguas em particular que a realidade experiencial fica plasmada, não é senão pelas portas da percepção que temos acesso a essa realidade. Se acreditamos que a linguagem tem as suas bases no cérebro e se, por esse motivo, a mente é “geradora de signos”, verbais ou não, matriz do pensamento, ela precisa processar os signos, a partir da percepção.

Os perceptos apresentados à mente interpretadora são signos com os quais ela opera. Assimilados à percepção subordinam-se à sua lógica (semiótica) e são por isso operacionalizados pela mente na condição de signos⁴. Tornam-se representativos não porque precisam apresentar tão somente um “conteúdo” à mente, mas porque só podem ser operacionalizados se são significativos para ela⁵.

² Segundo Santaella: “Jakobson, por sua vez, considerou a língua como um fenômeno semiótico porque todo fenômeno lingüístico funciona sempre e apenas como signo” (2001, p. 101).

³ Tornar-se os signos operacionais significa erigi-los à categoria de legis-signos (âmbito da linguagem verbal, segundo Peirce (SANTAELLA, 1995, p. 133)).

⁴ Cf. SANTAELLA, 1998.

⁵ Ser significativo não significa ser prontamente inteligível (no sentido de ser prontamente entendido). Podemos ter vários níveis de interpretantes e eles correspondem ao grau de julgamento que a mente está apta a produzir. Se só conseguimos produzir interpretantes emocionais para um determinado tipo de signo, nossas inferências possivelmente estarão sempre nesse nível. O conhecimento colateral do objeto é que nos permitirá elaborar interpretantes mais elaborados.



Representar é a própria condição de existência da mente porque, ao representar, está significando e aqui também caberia dizer: interpretando ou traduzindo o mundo que nos cerca. A condição de sobrevivência do ser humano é a simbolização, sem a qual não poderíamos falar de uma cultura e do que por ela pode ser transmitido, nesse sentido, representar é tornar significativa a nossa experiência a outrem.

Que importância, portanto, terão os textos que a nossa cultura nos legou? Serão eles simplesmente elementos lúdicos, ou terão eles alguma finalidade? Ou, por serem lúdicos, é que acabam por conduzir alguns aspectos do aprendizado de uma língua, na infância?

Vejamos um exemplo. No trecho da canção: **“Olha a palma, palma, palma. Olha o pé, pé, pé. Olha a roda, roda, roda. Caranguejo peixe é. Caranguejo só é peixe lá no fundo da maré”**. Em *palma*, temos, ao lado da repetição dos sons [p], que é uma dos primeiros que aprendemos — não por acaso falamos antes “papai”, a repetição do som [r] (em *roda*), que é adquirido posteriormente.

Em “caranguejo peixe é”, a colocação do verbo no final do período serve não apenas como recurso para rimar, posteriormente com “maré” (recurso que, por sua vez, também é importante na medida em que assinala a retomada do som para a sua identificação no contexto da música), mas para não interromper o ritmo das seqüências sonoras e ressaltar o contraste entre dois sons tão distintos [r] e [p]. O contraste também marca para um aspecto importante no plano sonoro, qual seja, a diferenciação entre o som inicial [r] (velar), no início da palavra “roda”, e o som [P] (alveodental) presente na sílaba – ran, de “caranguejo”.

A seqüência pela qual estão dispostas as palavras indica mais do que uma repetição, indica uma seqüencialização rítmica pela qual elas devem ser organizadas pela fala (sintaxe) espaço-temporalmente na seqüência da música.

A coordenação das palavras aos gestos parece sugerir uma correlação com a capacidade motora⁶, em virtude da qual se deve, pelos gestos simultâneos à fala, usar as mãos, ao cantar “palmas”, bater com os pés (alternadamente), ao cantar “pés” e rodar, ao se pedir para se “olhar a roda”.

⁶ Ou quiçá “subordinada” a essa capacidade, na medida em que talvez ela seja a responsável pela linguagem, em sua fase mais incipiente, conforme sugere a hipótese do desenvolvimento da “inteligência sensório-motora”, segundo Piaget (Cf. LYONS, 1977, p. 82).



A seqüência dos versos, que aponta para uma relação com o contexto (*Olha palma...roda*), é suspensa por uma definição: “caranguejo peixe é” ou ‘caranguejo é peixe’; uma afirmação simples, se considerarmos que está inserida em uma cantiga de roda, no entanto, uma forma de assinalar uma relação entre linguagem e mundo, ao afirmar uma igualdade entre dois itens léxicos que têm conceitos diferentes na língua. Por fim, observa-se que os contrastes, entre os elementos da língua, existem porque devem se tornar compreensíveis àqueles que a utilizam. Os elementos constituem-se em uma informação codificada (porquanto significativa) que têm um valor dentro do sistema em que estão inseridos, tornando-se assim cambiáveis para os falantes⁷.

Apenas por esses exemplos podemos perceber o quanto o conhecimento lingüístico investido pelo falante de uma língua é relevante no aprendizado de cada item lexical. Mas eles nos dizem mais do que isso; possivelmente, pela sua estruturação, eles nos ensinam um pouco como esse conhecimento é transmitido, na medida em que assinalam e demarcam o que é constitutivo da língua.

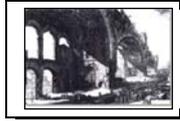
Os signos por nós produzidos guardam a informação de como foram processados. Entre os signos processados e os que são representados deverá haver uma semelhança de estrutura, o que significa dizer de outra forma que todo signo na linguagem é significativo, mesmo que, em cada elemento mínimo de sua composição, desconheçamos a finalidade para a qual foi destinado.

Se cada elemento da língua é significativo, é porque cada um constitui uma informação que pode ser operacionalizada pela mente, logo, também codificada. Portanto, a memória, como condição básica de funcionamento do sistema lingüístico, é no signo o que permite distingui-lo de outros signos e a condição também de sua transmissibilidade.

Não apenas na relação entre os signos, mas no signo há uma relação diferencial para com os demais, que os estabelecem em um quadro constitutivo do mesmo sistema. É a partir dessa relação que se confere aos signos (e aos elementos nele presentes) uma *identidade*, uma *corporeidade* e um caráter de *generalidade* a partir do sistema em que estão inseridos⁸.

⁷ A língua mostra *sem mostrar* os elementos que a compõem para os seus usuários; nela estão desenhadas as funções que os seus elementos constituintes podem ter, em virtude do nível em que estão inseridos. Por esse motivo é que há uma possibilidade de combinação de fonemas, de morfemas e de sintagmas em cada língua.

⁸ *Identidade, corporeidade e generalidade* correspondem aos fundamentos dos signos, ou seja, às categorias fenomenológicas elaboradas por Peirce: *primeiridade, secundidade e terceiridade*.



A identidade garante-lhes a presentidade no sistema; neles há também corporeidade porque são, em verdade, existentes (a linguagem é material); e generalidade porque assumem o aspecto de *continuidade*, próprio da linguagem verbal. No trecho da cantiga acima, a identidade é gerada pela existência das formas, diferenciais quando se opõe como fonemas e morfemas (corporificados em seus respectivos subsistemas, pela forma que assumem ao se oporem), e genéricas, porque incorporam a dimensão do “hábito”, característica proeminente da linguagem verbal⁹.

Essas idéias aproximam-se muito da noção de “valor”, em Saussure, mas das suas concepções se distanciam, na medida em que estamos tomando o signo como sustentáculo da memória que gera, por esse motivo, informação. Os traços diferenciadores dos signos não os caracterizariam por uma simples oposição com os demais signos de um sistema, mas por serem complementares a eles. A complementaridade não exclui a presença de um signo, mas torna-o capaz de existir, mesmo que em oposição, garantido a existência do sistema. Como se pode ler em Machado: “Além de transmitirem um determinado conteúdo, as interações entre as diferentes mensagens possuem uma função bem mais abrangente, pois as transferências informacionais estabelecem-se como parâmetro de regulação que visam manter a inteireza de um dado sistema” (2003, p. 157).

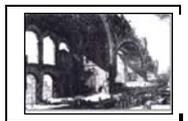
A cultura

Os signos constituem-se nas cantigas de roda não apenas como forma de entretenimento, mas por fazerem parte de uma cultura, enquanto informação que pode ser resgatada e passada, como forma de aprendizado, de geração a geração. A cultura que os contém é assim o grande texto semiótico a partir do qual nossas experiências estão codificadas (e consubstanciadas também ao conhecimento lingüístico) e, como códigos, “traduzem as informações aprendidas pelo sensorio ou perceptos” (MACHADO, 2003, p. 156) nesse e por esse *tecido sensual* que é a língua¹⁰.

Sendo assim, a língua, enquanto manifestação da linguagem não estaria tão distante do corpo, na medida em que compartilha com os demais sentidos, sentidos. Podemos

⁹ [...] “hábitos são regras gerais às quais o organismo se submeteu. Na maior parte das vezes, eles são convencionais e arbitrários, incluindo as palavras gerais, o corpo principal da fala, ou qualquer outro modo de se transmitir um julgamento. Por razões de brevidade, eu os chamarei de *token*. (CP 3.360 *apud* SANTAELLA, 2001, p. 264)”.

¹⁰



afirmar então que a linguagem goza da prerrogativa que podemos encontrar nos sentidos, qual seja, o de mediar as relações entre o ser e o mundo. Não por acaso Fodor a incluiu dentre os sentidos, como se pode observar nessa citação de Santaella (2001, p. 67): “Os sistemas de entrada [input e output], concebidos como sistemas modulares, correspondem aos tradicionais modos sensoriais e perceptivos, ou seja, visão, audição. Tato, cheiro, paladar aos quais Fodor acrescenta a linguagem”.

Em síntese, porque a linguagem é significativa e, ao sê-lo, faz o papel de mediadora entre os dados de entrada (inputs) e os de saída (outputs). Nessa condição, ela traduz impressões que colhe de outros sentidos, mas o faz sob a lógica (semiótica) de gerar signos¹¹, colocando-se à mercê do pensamento. Podemos pensar com a linguagem, enquanto sentido pleno. Como coloca Santaella (Ibidem, p. 74):

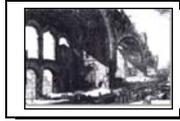
Podemos evidentemente pensar com a linguagem verbal. Também podemos pensar com a visualidade e com o som. Quase pensamos com o tato, mas não chegamos a pensar com o olfato e com o paladar. Quanto mais distância o sentido é capaz de interpor entre si e o mundo, mais ele pode ser posto a serviço do pensamento.

A linguagem traz formas de pensamento que existem pelo sentir, tão habituais e tão naturais quanto os sentidos. Porque é através dela e dos demais sentidos que mediamos a nossa relação com o mundo. A linguagem nos faz sentir, não como apenas um pensamento ou uma abstração, mas como uma materialização dos sentidos que existem nela.

Por esse motivo, pode-se afirmar que as relações que existem entre língua e cultura não são casuais. Os signos guardam resquícios da (forma) de como foram (ou a finalidade para a qual foram) processados. Todo signo, nesse sentido, é memória, é parte integrante da cultura que o cerca, já que ele precisa existir enquanto “informação codificada” (MACHADO, 2003, p. 38) para que possa existir enquanto “texto” ou que, enquanto objeto de uma cultura, possa ser significativo. Como coloca Machado: “A cultura dispõe de mecanismos semióticos que lhe são inerentes. Um deles é o processamento de toda e qualquer informação em texto graças ao dispositivo da memória” (Ibidem, p. 38).

Uma cantiga de roda, mais do que fazer do que com as crianças cantem ou coreografem, “ensina-lhes” a própria língua, suas nuances, suas formas. A maneira como os signos nelas estão dispostos talvez nos indiquem como a mente processa as línguas, e aqui

¹¹ Por esse motivo, talvez possamos afirmar que a linguagem, é também um sentido. Fernando Pessoa dizia: “o que em mim sente está pensando”.



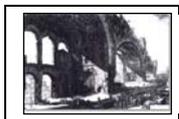
não podemos falar propriamente de linguagem, já que cada língua apresenta uma relação de “cumplicidade conceitual” com a cultura que a utiliza, mas, por outro lado, sublinha um aspecto que diz respeito ao próprio conhecimento lingüístico, na medida que aprender uma língua significa saber usá-la¹², a partir dos elementos que nela são significativos.

Toda língua traz consigo seu “manual de instruções”, mas não dispensa seus usuários, que fazem dela parte integrante das suas próprias vidas, na medida em que ela é — para usar uma velha metáfora — a lente pela qual vemos o mundo que nos cerca, mas muito mais do que isso, o meio pelo qual o sentimos e por ele interagimos.

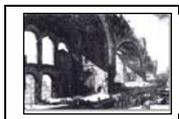
Referências Bibliográficas

- JAKOBSON, R. “A procura da essência da linguagem”. In _____. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- LYONS, J. *Semântica I*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MACHADO, I. **Escola de semiótica soviética: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- PINKER, S. **O instinto da linguagem. Como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose a autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTAELLA, L. **A percepção: uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimento, 1998.
- SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

¹² Proposição que remonta notadamente a Wittgenstein



Travessias número 01
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.



Travessias número 01
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
